

Actas do 13º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde

Organizado por Henrique Pereira, Samuel Monteiro, Graça Esgalhado, Ana Cunha, & Isabel Leal

30 de Janeiro a 1 de Fevereiro de 2020, Covilhã: Faculdade de Ciências da Saúde

VALIDAÇÃO DO *FAMILY ASSESSEMENT DEVICE* (FAD) NUMA AMOSTRA DE JOVENS PORTUGUESES

Ivone Patrão¹, Filipa Pimenta², Joana Águas², & Isabel Leal²

¹ APPsyCI – Applied Psychology Research Center Capabilities & Inclusion, ISPA – Instituto Universitário, Lisboa, Portugal

² WJCR – William James Center for Research, ISPA – Instituto Universitário, Lisboa, Portugal

A família é o primeiro espaço de relação de uma criança, onde pode desenvolver as suas competências e cumprir com algumas das tarefas do desenvolvimento.

O Modelo compreensivo do funcionamento da família – *McMaster Model* – baseia-se na teoria sistémica e contempla 5 fundamentos: (1) todas as partes da família estão inter-relacionadas; (2) uma parte da família não pode ser entendida sem o resto do sistema familiar; (3) o funcionamento familiar não pode ser entendido tendo em conta a visão de um indivíduo ou subsistema; (4) a estrutura e a organização familiar são fatores que determinam o comportamento dos membros da família; (5) os padrões de interação do sistema familiar modulam os comportamentos dos membros da família. Este modelo identifica vários aspetos do funcionamento familiar, que podem interferir no desenvolvimento saudável de cada um dos seus membros: a capacidade para a resolução de problemas; a comunicação; a adoção de regras; o uso de respostas afetivas; o envolvimento afetivo; e o controlo comportamental (Miller, Ryan, Keitner, Bishop, & Epstein, 2000).

Atualmente, o modelo familiar de comunicação presencial e digital é muito importante para a forma como a criança e o adolescente comunica e socializa. Uma elevada literacia digital familiar corresponde a um processo de aprendizagem sobre o uso e impacto das tecnologias, ao longo tempo, com a contribuição de todos. É importante a negociação familiar sobre as regras de acesso à tecnologia, a partilha familiar sobre as

preferências online, a definição de modos de comunicação entre membros da família, e a discussão sobre a cibersegurança de todos (Patrão, 2019).

A tecnologia tem vindo a transformar as rotinas diárias dos indivíduos nos seus diferentes contextos (ex. laboral, lazer, familiar). Este aspeto é visível pela forma como cada um se apresenta aos outros, como cria e mantém relações, e como comunica. No contexto familiar as tecnologias podem ter dois efeitos: de aproximação, pela comunicação digital; de afastamento, pela ausência da presença física (Patrão, Machado, & Brito, 2016).

O objetivo deste estudo foi validar uma escala de avaliação do funcionamento familiar geral (FAD), que se baseia no *McMaster Model*, a partir de dados de um projeto de investigação sobre os comportamentos e dependências online em jovens. Adicionalmente, como objetivo específico, avaliou-se a relação entre funcionamento familiar, dependência online e ao smartphone.

MÉTODO

Participantes

Participaram 1265 jovens, 50% rapazes, com média de idades de 15 anos ($DP=2$). Nesta amostra, 87.8% afirmaram que acedem à internet a partir de dispositivos móveis, 77.6% reporta que pode usar o telemóvel na escola e 66.8% afirmam que os seus pais não controlam o seu uso da internet, sendo que 53.7% dos jovens percebe o estilo parental dos seus pais como democrático, 26.5% como autoritário, e 15.7% como permissivo. No que diz respeito ao rendimento académico, 63.3% tem um rendimento escolar com notas médias. A idade média com que a amostra deste estudo começou a aceder à internet é de 9 anos ($DP=2.4$).

Material

Os participantes responderam a um protocolo constituído pelos seguintes materiais:

Questionário sociodemográfico – Este questionário pretendia recolher informações dos participantes, como idade, género, rendimento académico e estilo parental dos seus pais.

Questionário de uso e acesso à Internet – Tem por objetivo perceber quais os hábitos de acesso e utilização da internet dos participantes, idade de acesso à internet, quais os dispositivos mais utilizados, se os pais controlam o seu uso da internet e dos dispositivos, se pode levar o telemóvel para a escola.

IAT: Internet Addiction Test (Young, 1998; Pontes, Patrão, & Griffiths, 2014) – Este instrumento avalia a dependência à internet. É uma escala composta por 20 itens, respondida através de uma escala de *Likert* de seis pontos (0: “Não se aplica”; 1: “Raramente”; 2: “Ocasionalmente”; 3: “Muitas vezes”; 4: “Frequentemente”; 5: “Sempre”). Para calcular o score final, são somadas as respostas de cada item. Posteriormente, verifica-se em que intervalo se situa cada participante. Assim, entre 0 - 30 pontos: Normal; 31-49 pontos: Médio; 50-79 pontos: Moderado; e 80-100 pontos: Severo (Young, 2011).

SAS-SV: Smartphone Addiction Scale-Short Version (Kwon, Kim, Cho, & Yang, 2013; Água, Patrão, & Leal, 2017) - Esta escala é constituída por 10 itens e respondida a partir de uma escala de *Likert* de 6 pontos que variam entre 1: “Discordo fortemente” e 6: “Concordo Fortemente”. O score a partir do qual se considera uma pessoa dependente do smartphone, varia o valor de *cut-off* é de 31 para rapaz/homem e 33 para rapariga/mulher.

FAD: Family Assessment Device (Epstein, Baldwin, & Bishop, 1983) – o FAD é um instrumento composto por 7 dimensões. Neste estudo, foi validada a dimensão do FAD, Funcionamento Geral, formado por 12 itens, metade dos itens positivos (e.g., “Nós podemos expressar sentimentos uns aos outros.”) e metade dos itens negativos (e.g., “Nós não podemos falar uns com os outros sobre a tristeza que sentimos.”). Os itens do FAD são respondidos através de uma escala de *Likert* de 4 pontos que varia entre 1: “Discordo Plenamente” a 4: “Concordo Plenamente”.

Procedimento

Para validar o FAD foi realizado o processo de tradução e retro tradução dos itens por dois elementos da equipa de investigação, fluentes em Inglês e Português. Com a versão final da escala traduzida realizou-se a retro tradução, por uma psicóloga bilingue, fluente em inglês. Posteriormente, recolheu-se o feedback de 10 participantes para perceber se os itens estavam adequados à população portuguesa. Depois da recolha do *feedback*, avaliaram-se e discutiram-se as alterações sugeridas. Numa última fase, o instrumento foi incluído num protocolo de uma investigação sobre comportamentos e dependências online em jovens (Projecto Geração Cordão - validado pela comissão de ética do ISPA – Instituto Universitário e com autorização de aplicação pelo Ministério da Educação), que foi aplicado, através de uma plataforma online, aos alunos de diversas escolas da região norte de Portugal. Todos os alunos foram devidamente autorizados a participar no estudo pelos seus pais e/ou encarregados de educação e deram o seu consentimento informado antes de responderem ao questionário.

Após a recolha de dados, as análises estatísticas das qualidades psicométricas do FAD foram executadas a partir do *software* IBM SPSS e AMOS (v.25, SPSS, IBM, Chicago, IL). Em primeiro lugar, foi analisada a sensibilidade dos itens da FAD. Posteriormente, a validade de construto do FAD foi explorada através de uma análise fatorial exploratória e confirmatória. Foi também analisada a validade convergente, a partir da variância extraída média (VEM), a validade discriminante, a partir da comparação da VEM com o quadrado da correlação entre os fatores da escala (Marôco, 2014); e também a fiabilidade através do *alpha de Cronbach* e da Fiabilidade Compósita (FC).

RESULTADOS

Validade de Construto

Em primeiro lugar foi analisada a sensibilidade dos itens. Todos os itens variavam entre o valor máximo (4) e mínimo (1) da escala de *Likert*,

e os valores de assimetria e curtose estavam abaixo de 3 e de 7, respetivamente (Kline, 2015).

De seguida, visto que o FAD já tinha sido previamente validado por Epstein e seus colaboradores (1983), foi efetuada uma Análise Fatorial Confirmatória (AFC), contudo, foram obtidos valores inaceitáveis, quer de ajustamento do modelo, quer dos pesos fatoriais estandardizados dos itens. Desta forma, foi decidido em reunião de equipa, explorar a estrutura do FAD numa Análise Fatorial Exploratória (AFE).

Posteriormente, a amostra deste estudo foi dividida ao meio de forma aleatória. Após este procedimento, realizou-se uma AFE, em 50% da amostra, para perceber de que forma se comportavam os itens do FAD. Foi obtido um $KMO=.876$ ($p<.001$) pelo que se procedeu à AFE. De acordo com AFE a estrutura do funcionamento geral familiar é explicada por dois fatores latentes, que explicam 58.45% de variância total. O primeiro fator é designado por disfuncionalidade familiar, e o segundo fator por funcionalidade familiar. Adicionalmente todas as communalidades observadas são elevadas, indicando que os dois fatores são adequados para descrever o funcionamento geral familiar. Para confirmar a estrutura proposta na AFE foi realizada novamente uma AFC, nos outros 50% da amostra. Na AFC todos os itens apresentaram bons pesos fatoriais estandardizados ($\lambda>.5$); os índices de modificação mostraram correlação dos erros entre os itens 3-5, 5-11, na dimensão disfuncionalidade familiar e entre os itens 10-12, na dimensão funcionalidade familiar. O FAD apresentou um ajustamento adequado ($X^2/df=2.783$; $NFI=.956$; $CFI=.971$; $TLI=.962$; $RMSEA=.054$; $p<.001$; $CI\ 90\% =].043; .064[$).

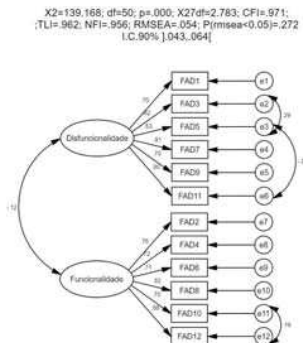


Figura 1. AFC do Funcionamento Geral Familiar

Validade Convergente

A validade convergente do FAD foi analisada através da VEM. Quando a $VEM \geq 0.5$ é um indicador de validade convergente adequada (Hair, Black, Babin, & Anderson, 2009). No FAD, as duas dimensões: disfuncionalidade familiar ($VEM=.61$) e funcionalidade familiar ($VEM=.66$) apresentaram validade convergente.

Validade Discriminante

Para demonstrar a validade discriminante, foi calculado o quadrado da correlação entre os dois fatores da escala ($r^2=.014$). Para existir validade discriminante a VEM tem de ser maior que o quadrado da correlação entre os fatores da escala (Marôco, 2014). Desta forma, o FAD tem validade discriminante.

Consistência Interna

A consistência interna do FAD, foi calculada através do *alpha de Cronbach* e da fiabilidade compósita (FC). Conclui-se que em ambas as dimensões – disfuncionalidade familiar ($\alpha=.84$; $FC=.90$) e funcionalidade familiar ($\alpha=.86$; $FC=.92$), o FAD tem uma consistência interna adequada.

Correlações

Explorou-se de que forma o funcionamento familiar está relacionado com a dependência online e do smartphone. A disfuncionalidade familiar está associada positivamente à dependência online ($r=.443$; $p<.001$) e do smartphone ($r=.424$; $p<.001$). Já a funcionalidade familiar está negativamente relacionada com a dependência online ($r=-.172$; $p<.001$) e do smartphone ($r=-.181$; $p<.001$).

DISCUSSÃO

O funcionamento familiar corresponde a um conjunto de características do sistema familiar e à forma de como os seus membros se organizam e interrelacionam (Shi, Wang, & Zou, 2017). Alguns estudos têm vindo a

demonstrar a relação entre o funcionamento familiar e a dependência online (ex. Şenormancı, Şenormancı, Güçlü, & Konkan, 2014; Shi et al., 2017; Shek & Yu, 2013), deste modo, este estudo vem colmatar uma lacuna na avaliação da relação entre estas variáveis.

O FAD revelou-se um instrumento com boas capacidades psicométricas para ser usado em jovens portugueses. Nesta versão do FAD, para interpretar os resultados será necessário calcular o score das duas dimensões propostas, assim, quanto maior o score na dimensão funcionalidade familiar, maior a funcionalidade familiar do sujeito; e quanto maior o score na dimensão disfuncionalidade familiar, maior a disfuncionalidade familiar do sujeito.

O FAD pode ser um importante contributo para a prática clínica, para rastreio e nos protocolos de avaliação de intervenções terapêuticas na área das dependências online. Esta escala, pode ser ainda um instrumento útil na área da investigação em ciberpsicologia.

A família é onde as crianças e os adolescentes podem satisfazer as necessidades psicológicas e afetivas, quando isto não acontece podem procurar atenção no mundo online (Shi et al., 2017). A disfunção familiar pode, assim, constituir um fator associado à dependência online e/ou ao smartphone. Na amostra deste estudo, foi possível observar que quanto mais funcional é o ambiente familiar, menor é a dependência online e ao smartphone.

Em estudos futuros, seria importante aplicar o FAD a amostras de pais e filhos adolescentes, de forma a ser feita uma comparação entre as perceções do funcionamento familiar de adolescentes e dos seus pais.

Financiamento

O William James Center for Research é financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (UID/PSI/04810/2019).

REFERÊNCIAS

- Água, J., Patrão, I., & Leal, I. (2017). SAS-SV: Estudo da validação da escala de dependência do smartphone numa amostra da população portuguesa. *Atas do II Congresso Ibérico de Psicologia Clínica e da Saúde* (pp. 101-112). Lisboa: ISPA – Instituto Universitário.

- Epstein, N. B., Baldwin, L. M., & Bishop, D. S. (1983). The McMaster family assessment device. *Journal of Marital and Family Therapy*, 9(2), 171-180. doi: 10.1111/j.1752-0606.1983.tb01497.x
- Hair, Jr., J. F., Black, W. C., Babin, B. J., & Anderson, R. E. (2009) *Multivariate Data Analysis* (7th ed., p. 761). Prentice Hall, Upper Saddle River.
- Kline, R. B. (2015). *Principles and practice of structural equation modeling* (4th ed.). New York, NY: Guilford Press.
- Kwon, M., Kim, D. J., Cho, H., & Yang, S. (2013). The smartphone addiction scale: Development and validation of a short version for adolescents. *Plos One*, 8(12). doi: 10.1371/journal.pone.0083558.
- Marôco, J. (2014). *Análise de equações estruturais: Fundamentos teóricos, softwares e aplicações* (2ªed.). Pêro Pinheiro: Report Number.
- Miller, I. W., Ryan, C. E., Keitner, G. I., Bishop, D. S., & Epstein, N. B. (2000). The McMaster Approach to Families: Theory, assessment, treatment and research. *Journal of Family Therapy*, 22, 168-189.
- Patrão, I. (2019). *Guia para Famílias, Escolas e Comunidade Orientações para a gestão saudável dos comportamentos online*. Lisboa: FCT/CIS.
- Patrão, I. Machado, M.. & Brito, R. (2016). O funcionamento familiar, o bem-estar e o uso da internet. In I. Patrão & D. Sampaio (Eds.), *Dependências Online: O poder das tecnologias* (pp. 133-149). Lisboa: Pactor.
- Pontes, H., Patrão, I., & Griffiths, M. (2014). Portuguese validation of the internet addiction test: An empirical study. *Journal of Behavioral Addictions*, 3(2), 107-114. doi: 10.1556/JBA.3.2014.2.4.
- Şenormancı, Ö., Şenormancı, G., Güçlü, O., & Konkan, R. (2014). Attachment and family functioning in patients with internet addiction. *General Hospital Psychiatry*, 36(2), 203-207. doi: 10.1016/j.genhosppsy.2013.10.012
- Shek, D. T. L., & Yu, L. (2012). Internet Addiction Phenomenon in Early Adolescents in Hong Kong. *The Scientific World Journal*, 1-9. doi: 10.1100/2012/104304
- Shi, X., Wang, J., & Zou, H. (2017). Family functioning and Internet addiction among Chinese adolescents: The mediating roles of self-esteem and loneliness. *Computers in Human Behavior*, 76, 201–210. doi:10.1016/j.chb.2017.07.028
- Young, K. S. (1998). *Caught in the Net: How to recognize the signs of Internet addiction and a winning strategy for recovery*. New York: Wiley

Young, K. (2011). Clinical assessment of internet-addicted clients. In K. Young & C. Abreu (Eds.), *Internet addiction: A handbook and guide to evaluation and treatment*. (pp. 19- 34). New Jersey: John Wiley & Sons.

ANEXO I

Family Assessment Device

1. Planear atividades em família é difícil porque não nos compreendemos uns aos outros.
 2. Em tempos de crise podemos contar uns com os outros quando precisamos de apoio.
 3. Nós não podemos falar uns com os outros sobre a tristeza que sentimos.
 4. Os indivíduos são aceitos pelo que são.
 5. Nós evitamos discutir acerca dos nossos medos e preocupações.
 6. Nós podemos expressar sentimentos uns aos outros.
 7. Existem muitos sentimentos negativos nesta família.
 8. Nós sentimo-nos aceites pelo que somos.
 9. Tomar decisões é um problema para a nossa família.
 10. Nós somos capazes de tomar decisões sobre como resolver problemas.
 11. Nós não nos damos bem.
 12. Nós confiamos uns com os outros.
-